

O Eterno Retorno do Fascismo

ROB RIEMEN



Autor de
Nobreza de Espírito
Um Ideal Esquecido

Bizâncio



Rob Riemen,
ensaísta e filósofo, é fundador
e director do Instituto Nexus,
um centro internacional se-
deado na Holanda dedicado à
reflexão intelectual e à inspira-
ção do debate cultural e filosó-
fico ocidental.

O Eterno Retorno do
Fascismo

ROB RIEMEN

O Eterno Retorno do
Fascismo

Tradução do inglês por
Maria Carvalho

EDITORIAL BIZÂNCIO

LISBOA, 2012

Originalmente publicado em neerlandês com o título *De eeuwige terugkeer van het fascisme* por Uitgeverij Atlas, Amesterdão.

© Rob Riemen, 2010.

Tradução inglesa © Michele Hutchison, 2011

Nota do Editor: Por indicação da Robert Laffont este texto foi traduzido a partir da edição inglesa, a última revista pelo autor, e não da edição francesa.

Título original: *De eeuwige terugkeer van het fascisme*

© Rob Riemen, 2010

1ª edição portuguesa: Março de 2012

Tradução: Maria Carvalho

Revisão: Sandra Pereira

Capa: Editorial Bizâncio sobre imagem de Kostas Koutsoukos, istockphoto

Composição e paginação: Editorial Bizâncio

Impressão e acabamento: Rolo & Filhos – Artes Gráficas, Lda.

Depósito legal: 341 089/12

ISBN: 978-972-53-0501-0

Todos os direitos para a publicação desta obra em Portugal reservados por Editorial Bizâncio, Lda.

Largo Luís Chaves, 11-11A, 1600-487 Lisboa

Tel.: 217 550 228/Fax: 217 520 072

E-mail: bizancio@editorial-bizancio.pt

URL: www.editorial-bizancio.pt

*All I have is a voice
To undo the unfolded lie*

W. H. Auden

1

Longe da Segunda Guerra Mundial que arrasa o continente europeu, na cidade de Orão, no norte de África, numa manhã de Primavera, um médico depara com um rato morto no patamar. Previne o porteiro e, embora se dê conta de que se trata da uma descoberta insólita, não lhe presta muita atenção. A sua atitude muda quando, na manhã seguinte, descobre mais três ratos mortos. O porteiro garante-lhe que se trata de uma partida de garotos. «Nesta casa não há ratos!» Contudo, nos dias que se seguem,

além de se deparar com um número crescente de ratos mortos na cidade, o médico confronta-se com um número espantoso de doentes com o mesmo tipo de sintomas: inchaços, erupções cutâneas e delírio que culminam em morte num espaço de quarenta e oito horas. Não restam dúvidas: trata-se de uma epidemia. Mas de quê? Um colega mais velho advertido de que ambos sabem bem do que se trata e de que, além disso, também sabem que toda a gente, sobretudo as autoridades, negará a verdade enquanto for possível, alegando que não pode ser verdade, que já não há disso, que não vivemos na Idade Média, que não devemos ser alarmistas...¹

¹ «Naturalmente — perguntou —, sabe do que se trata, Rieux? [...] Pois eu sei. [...] vi alguns casos em Paris, há uns vinte anos. Simplesmente, nessa altura, não houve a coragem de lhe dar um nome. A opinião pública é sagrada: nada de pânico. Sobretudo, nada de pânico. E depois, como dizia um colega: 'É impossível, toda a gente sabe que ela desapareceu do Ocidente.'» *A Peste*, Tradução de Ersílio Cardoso. Lisboa, Livros do Brasil, p. 334. (N. da T.)

Negar os factos não os muda e, quando a epidemia se espalhou por toda a cidade, foi necessário dar-lhe um nome: peste!

Uma variante do fenómeno da negação é a ideia de que mudar as palavras também muda os factos. Para os Americanos, a palavra «problema» é tabu. Presentemente, chama-se «desafio» a qualquer situação que antes mereceria a primeira designação. Problemas, é coisa que não existe, pelo menos nos Estados Unidos. A palavra «fascismo» também é tabu na Europa no que diz respeito aos movimentos políticos actuais. Há a extrema-direita, o conservadorismo radical, o populismo, o populismo de direita, mas o fascismo... não! Não, é impossível, já não temos disso, vivemos em democracia, parem de ser alarmistas e de ofender as pessoas!

Em 1947, Albert Camus termina o seu romance *A Peste*, uma alegoria do fascismo, comentando que o médico não pôde juntar-se à celebração posterior ao anúncio oficial de que o reino da peste havia terminado. «Porque ele sabia o que

esta multidão eufórica ignorava e se pode ler nos livros: o bacilo da peste não morre nem desaparece nunca, pode ficar dezenas de anos adormecido nos móveis e na roupa, espera pacientemente nos quartos, nas caves, nas malas, nos lenços e na papelada. E sabia também que viria talvez o dia em que, para desgraça e ensinamento dos homens, a peste acordaria os seus ratos e os mandaria morrer numa cidade feliz.»¹

Nesse mesmo ano, Thomas Mann escreve: «Como uma agulha muito sensível, Nietzsche pressentiu o advento da época fascista em que vivemos e em que, não obstante a vitória militar, continuaremos a viver durante algum tempo.»²

Albert Camus e Thomas Mann não foram de certo os únicos a compreender depressa, mal a

¹ *Op. cit.*, p. 334. (N. da T.)

² Tomou-se como referência a tradução francesa: *La Philosophie de Nietzsche à la lumière de notre expérience in Études-Goethe, Nietzsche, Joseph et ses frères*, Mermod, 1949. (N. da T.)

guerra terminou, o que todos ansiamos esquecer: o bacilo fascista estará sempre presente no corpo da democracia de massas. Negar este facto ou dar outro nome ao bacilo não nos tornará resistentes a ele. Pelo contrário. Se queremos combatê-lo eficazmente, teremos de começar por admitir que está novamente prestes a contaminar a nossa sociedade, teremos de o chamar pelo seu nome: «fascismo». Além disso, o fascismo nunca é um desafio, é sempre um grave problema porque desemboca inevitavelmente no despotismo e na violência. E chamamos perigo a tudo o que provoque estas consequências. Negar a existência de um problema ou, pior ainda, de um perigo é praticar a política da avestruz. Quem não aprende com a história está condenado a vê-la repetir-se.

2

Mussolini e Hitler, para citar apenas este duo demoníaco, tornaram-se os principais representantes da politização de uma mentalidade que começara a desenvolver-se muito antes de eles aparecerem no cenário europeu.

Goethe foi um dos primeiros a dar-se conta de uma mudança fundamental na sociedade. Em 1812, escreve a um amigo: «Se virmos como as pessoas em geral, e os jovens em particular, se entregam às suas paixões e desejos, e como tudo o

que há de mais belo e nobre neles é distorcido e desfigurado pelas graves loucuras da época ao ponto de tudo o que podia levá-los à salvação estar condenado a falhar, então não ficamos surpreendidos pelos actos odiosos que o homem comete contra si próprio e contra os outros.»

Pouco tempo depois, durante uma viagem à América em 1831, Alexis de Tocqueville descobre que a democracia, que começara a florescer nesse jovem país, está a ser ameaçada por uma nova forma de repressão nunca antes manifestada na história: «Eu próprio procuro, em vão, uma expressão que reproduza exactamente a ideia que faço dela e a possa conter; as antigas palavras ‘despotismo’ e ‘tirania’ não servem. O fenómeno é novo; tentarei portanto defini-lo, uma vez que não consigo atribuir-lhe um nome. [...] vejo uma multidão imensa de homens semelhantes e de igual condição girando sem descanso à volta de si mesmos, em busca de prazeres insignificantes e vulgares com que preenchem as suas almas. Cada um deles, colocando-se à parte, é como um estranho face ao

destino dos outros. [...] Acima desses homens, ergue-se um poder imenso e tutelar que se encarrega sozinho da organização dos seus prazeres e de velar pelo seu destino [...] Agrada-lhe que os cidadãos se divirtam, conquanto pensem apenas nisso [...] Sempre pensei que esta espécie de servidão, ordenada, calma e amena de que acabo de fazer o retrato se poderia conjugar melhor do que se imagina com algumas das formas exteriores de liberdade e que não lhe seria impossível estabelecer-se à sombra da própria soberania do povo.»¹

Tocqueville traça aqui os contornos de uma sociedade que, cem anos mais tarde, o filósofo espanhol Ortega y Gasset analisa e caracteriza como «sociedade de massas». Essa forma de sociedade é o resultado inevitável do que Nietzsche previra com tanta lucidez: o declínio dos valores morais, o niilismo. Nas décadas de 1870 e 1880, Nietzsche

¹ *Da Democracia na América*, tradução de Carlos Correia Monteiro de Oliveira, Cascais, Principia, 2001, p. 837-838. (N. da T.)

convence-se cada vez mais de que o ideal europeu de civilização, baseado em valores espirituais absolutos, perdeu os seus fundamentos. Não há valores absolutos porque tudo o que existe não é senão uma projecção do indivíduo. A Verdade, a Bondade, a Beleza não existem. Não são mais do que percepções e interpretações de um indivíduo. E qualquer coisa que possa ter algum significado não significa nada, porque perdeu a sua validade universal.

A perda dos valores espirituais acarreta o desaparecimento não só da moral como também da cultura na acepção original da palavra: *cultura animi* ou cultura da alma. A ideia de que o homem é um ser que deve elevar-se, superar os seus instintos e necessidades físicas, é um dos princípios fundamentais das tradições religiosas do judaísmo e do cristianismo, fazendo igualmente parte integrante dos ensinamentos humanistas de Sócrates e de Espinosa. O ser humano só é digno de viver se conseguir apropriar-se dos valores absolutos do espírito. Viver na verdade e na justiça e criar beleza — só assim pode o homem realizar-se e aceder

à liberdade. Quem permaneça escravo dos seus desejos, emoções, impulsos, medos, preconceitos e não saiba como usar a sua inteligência não pode ser livre. Nietzsche inverte o raciocínio, convencido como está da *Umwertung aller Werte* (reavaliação de todos os valores): já nada é absoluto à excepção da liberdade, a liberdade de viver desenfreadamente os seus impulsos. Por conseguinte, o homem passará a ser conduzido pela sua vontade de poder e tudo lhe será permitido.

Nietzsche entrevia claramente as consequências do niilismo para a sociedade europeia. No fim da vida, escreve: «O perigo de todos os perigos: nada mais ter sentido.» Com a perda dos valores espirituais absolutos, tudo a que o homem atribuía significado desaparecerá: a distinção entre o bem e o mal, a compaixão, a ideia de que o amor é mais forte do que a morte, mas também a arte, a cortesia, a retórica, a ideia de qualidade e de valor. Foi por isso que escreveu, mais ou menos na mesma época: «O sinal mais universal dos tempos modernos: o homem perdeu incrivelmente dignidade aos seus próprios

olhos.» «Libertado» de todos os valores espirituais e do que pode conferir sentido à vida, o homem tornará as coisas mais fáceis para si próprio. Exigirá a satisfação de todos os seus desejos e, se tal não acontecer, tornar-se-á violento. Esta ameaça recorrente de uma agressão constante subjacente à prosperidade também foi assinalada por Nietzsche nas suas notas de 1886-1887: «A nossa situação: a sensibilidade aumenta com a riqueza; os mínimos sintomas causam-nos sofrimento; o nosso corpo está mais bem protegido, a nossa alma mais doente. A igualdade, a vida confortável, a liberdade de pensamento, mas, ao mesmo tempo, o ódio e a inveja, a ânsia de ser bem-sucedido, a impaciência do presente, a necessidade de luxo, a instabilidade dos governos, os sofrimentos decorrentes da dúvida e da necessidade de procurar.»¹

¹ Tomou-se como referência a tradução francesa: *Fragments posthumes, fin 1886-printemps 1887*. 7, Mp XVII, in *Oeuvres philosophiques complètes*, tomo XII, p. 279, Gallimard, 1978 (N. da T.)

«Sociedade de massas» é o nome que Ortega y Gasset deu em 1930 à sociedade que, desde as premonições de Goethe e com todas as características previstas por Tocqueville e Nietzsche, se manifestava então em toda a Europa. Contudo, Ortega y Gasset surpreende-se com o que considera ser o grande paradoxo da era democrática em que a história da Europa acaba de se inscrever. Uma época em que a sociedade consegue finalmente libertar-se do jugo da tirania e da Igreja, da aristocracia e do sistema feudal. O progresso tecnológico proporciona, entre outras coisas, uma maior liberdade de movimento, os média ampliam o olhar das pessoas sobre o mundo, e o poder político democratiza-se. A Europa está no limiar de uma sociedade livre cujas fronteiras podem ser derrubadas, a liberdade individual é respeitada, a responsabilidade pessoal é assumida e os valores espirituais que apoiam o ideal da civilização são cultivados.

Contudo, esta oportunidade histórica é rejeitada por um novo tipo de indivíduo que depressa

ganha influência na sociedade: o homem da multidão, o *homem-massa*. O termo refere-se não apenas à quantidade mas também à qualidade, a um certo tipo de estado de espírito, ou, para ser mais preciso, a uma ausência de espírito. Além disso, este homem-massa surge em todas as classes sociais, tanto entre os pobres como entre os ricos, tanto entre os ignorantes como entre os cultos. Segundo Ortega y Gasset, a ascensão do homem-massa — a rebelião das massas! — representa uma ameaça directa aos valores e ideais da democracia liberal e do humanismo europeu, tradições em que o desenvolvimento espiritual e moral do indivíduo livre garante os fundamentos de uma sociedade livre e aberta. Mas o homem-massa tem uma perspectiva completamente diferente do indivíduo e da sociedade. O homem-massa recusa confrontar-se com valores intelectuais e espirituais, já para não falar em deixar-se sobrecarregar por eles. Não há medida, valor ou verdade que lhe possam ser impostos e que o restrinjam. Para o homem-massa, a vida deve ser sempre fácil e

abundante; não reconhece a natureza trágica da existência. Tudo lhe é permitido pois não existem restrições. O esforço intelectual é desnecessário. O homem-massa está cheio de si e comporta-se como uma criança mimada. Não está nos seus hábitos escutar, avaliar criticamente as suas opiniões ou ter em conta as outras pessoas. Esta atitude reforça nele o sentimento de poder, o desejo de controlar. Só ele e os seus congêneres contam, os outros devem adaptar-se. Por conseguinte, tem sempre razão e não precisa de se justificar. Pouco habituado à linguagem da razão e sem vontade de a aprender, só conhece uma linguagem, a do corpo: a violência. Tudo o que seja diferente e irrelevante a seus olhos não tem o direito de existir. Detesta ser diferente das massas. Conforma-se, ajustando a sua aparência aos ditames da moda e, no que toca às opiniões, segue os *mass media*. Não quer nem pode distinguir-se. O homem-massa não pensa. Erra sem objectivos pela vida, livre de qualquer esforço intelectual, sem referências, verdades ou princípios orientadores. Sem orientação

espiritual, agarra-se às massas e deixa-se levar por elas.

No século XX, os fenómenos de massas, a histeria de massas, não resultam do aumento da população, sendo, antes, uma consequência fundamental do psiquismo deste homem moderno, destituído de espírito e indiferente. O medo e o desejo dominam o comportamento das massas. E quando estas começam a governar, quando a democracia se torna uma democracia de massas, a democracia deixa de existir. No fim do seu livro *A Rebelião das Massas*, Ortega y Gasset resume a sua análise da sociedade de massas na seguinte frase: «Isto significa que a Europa já não tem moral.»

O carácter niilista da sociedade de massas é reforçado por certos factores. Na primeira década do século XX, o humorista vienense Karl Kraus criticou mordazmente os jornalistas que, a despeito das suas pretensões, evidenciam uma tendência para minar a democracia, em vez de a proteger. Como é preciso encher páginas e vender jornais,

estes são uma torrente interminável de banalidades, sensacionalismo e disparates. Segundo Kraus, nos jornais diários a linguagem deixa de ser o meio mais importante de transmitir conhecimentos, passando a servir apenas para difundir ideias feitas, *slogans* e propaganda. Não só os *mass media* são a melhor escola para os demagogos, como estes retiram o seu poder do facto de o povo, à força de se alimentar de uma linguagem que mais não faz do que simplificar, não compreender mais nada, nem querer ler ou ouvir coisas diferentes.

Na mesma época, Paul Valéry analisa a crise do espírito humano. Declara que «o espírito representa a nossa capacidade de transformação. A nossa vida emocional pode ser transposta para obras de arte. O espírito cria necessidades intelectuais novas, por intermédio das quais podemos transcender os nossos instintos físicos e naturezas animais. O espírito proporcionou-nos consciência do tempo, do passado e do futuro, com a qual podemos antecipar, imaginar possibilidades e transcender o momento presente. Além disso, um

homem consegue libertar-se de si próprio, imaginar-se no lugar de outros. Por conseguinte, todas as pessoas possuem a capacidade intelectual de observar e criticar as suas próprias acções e valores. Mas a mente humana descarrilou. Tornámo-nos menos sensíveis. O homem moderno necessita de ruído, de excitação constante, quer satisfazer as suas necessidades. Como nos tornámos cada vez mais insensíveis, necessitamos de métodos mais grosseiros de satisfazer a nossa ânsia de estimulação. Tornámo-nos dependentes dos acontecimentos. Se nada acontece, sentimo-nos vazios. «Os jornais não trazem nada», comentamos desapontados. Fomos intoxicados pela ideia de que *tem* de acontecer alguma coisa, estamos obcecados com a velocidade e a quantidade. Um barco nunca é grande demais, nem um automóvel ou avião suficientemente rápidos. A ideia da superioridade absoluta dos números com muitos algarismos, uma ideia cuja ingenuidade e vulgaridade são evidentes (espero eu), é uma das características do homem dos tempos modernos. Renunciámos ao tempo

livre. Não ao tempo cronológico (o de lazer), mas ao descanso interior, à libertação total, ao distanciamento mental do mundo de que necessitamos para arranjar espaço para os elementos mais delicados da nossa vida. Deixamo-nos guiar pela velocidade, pelo movimento (tudo tem de acontecer já) e pelos impulsos. Já nada é duradouro. Adeus catedral, erigida ao longo de três séculos; adeus obra-prima cujo aperfeiçoamento exigia toda uma vida de experiência e de atenção. Vivemos passivamente. Submetemo-nos aos telefones, ao nosso trabalho, à moda. A vida torna-se cada vez mais uniforme. O aspecto, o carácter, tudo tem de se parecer com tudo o resto, e a média tende sempre a nivelar-se pelo mais baixo. Uma das características mais chocantes do mundo contemporâneo é a sua *superficialidade*: oscilamos entre a superficialidade e a inquietação. Possuímos os brinquedos mais belos de sempre. Que divertimento! Nunca tivemos tantos brinquedos! Mas quantas preocupações! Nunca sentimos tanto pânico! E é-nos exigido um esforço intelectual cada vez maior.

Outros pensam por nós. Além disso, a nossa inteligência especializa-se cada vez mais. Devido às exigências do processo tecnológico, a sociedade sente uma necessidade crescente de 'profissionais', de intelectuais *substituíveis*. Deixa de haver necessidade de um Shakespeare, de um Bach, de um Descartes, de poetas e pensadores, de intelectuais *insubstituíveis*.», escreveu Paul Valéry na década de 1920.

Estamos, mais uma vez, a lidar com um paradoxo, porque, não obstante a «engenharia social», as seduções e os lazeres, o homem não se tornou mais feliz. Pelo contrário, a agressão a outras pessoas está a aumentar. É lógico, afirma Max Scheler no seu livro de 1912, *Das Ressentiment im Aufbau der Moralen*. Segundo Scheler, a cultura europeia é uma cultura de igualdade; a ideia de que somos todos iguais e de que temos direitos iguais está profundamente enraizada. Na tradição judaico-cristã, a igualdade consiste em sermos iguais perante Deus: independentemente de quem somos, independentemente do que possuímos, acabaremos por ser julgados por Deus, e o único

critério será a rectidão da nossa vida. Segundo os princípios do humanismo europeu, o ideal da igualdade consiste na noção de que a verdadeira identidade de uma pessoa não reside no que a distingue das outras (dinheiro, poder, origem, raça, sexo), mas precisamente no que a liga às outras: a capacidade universal de se elevar pelo espírito, de viver na verdade, de fazer o que é correcto, de criar beleza.

Nas religiões judaica e cristã, tanto quanto na tradição humanista, a igualdade baseia-se em valores espirituais absolutos, mas Nietzsche já prevê a perda de sentido desses valores. Presentemente, a igualdade só se pode exprimir no domínio material. Surgiu um novo ideal de igualdade, relacionado com o socialismo em ascensão e com o impulso para uma maior democratização: a justiça social, a igualdade de oportunidades, a universalidade do direito de voto. Contudo, quando todos os valores se perverteram sob a influência do niilismo e da ascensão do homem-massa e quando deixou de ser evidente para nós o motivo pelo qual a

justiça social deve existir, então, sugere Scheler, o conceito de igualdade resume-se à ideia de que todos devem poder ter tudo e de que, se uma pessoa tem, a outra também deve ter. Afinal, somos todos iguais! A palavra «elite» tornou-se um insulto e, mal surge a ideia de que outros «iguais» têm mais, o ressentimento e o rancor aumentam.

Nesta cultura social, tende-se constantemente para o ponto mais baixo pois é aí que se localiza o denominador comum da população. É por isso que o nível da educação universitária se afunda para que «todos» possam estudar e obter um diploma. Quanto à arte, terá de ser acessível a todos, não só financeiramente, mas também em termos de significado: terá de ser *compreensível*. O maior rancor é dirigido para qualquer coisa que seja difícil. O que não puder ser imediatamente compreendido por todos é difícil e, portanto, elitista e, portanto, antidemocrático. Onde este fenómeno se evidencia melhor é no mundo dos *mass media*, em que até citações de pensadores e palavras difíceis se tornaram tabu.

Scheler explica como uma cultura comum impregnada de ressentimento influencia os nossos valores. Nietzsche demonstrou por que motivo os valores espirituais mais nobres estão condenados a desaparecer. Surgiu a ideia de que esses valores não têm *direito* de existir porque exigem esforço e excluem quem não possa ou não tenha força de vontade para aderir a eles. Em vez dos valores absolutos, existe uma percepção subjectiva que se exprime na frase: «Sou capaz de julgar por mim!» É assim que o ressentimento também influencia o ideal de liberdade. Na tradição judaico-cristã, a liberdade é a responsabilidade que cada homem tem de ser aquilo que deve ser: um homem justo. Para Espinosa, a liberdade é a capacidade de um indivíduo se libertar da estupidez, do medo e do desejo, de utilizar a razão e de viver na verdade. Só é realmente livre o homem que viva dessa maneira e que adopte os valores que conferem verdade à sua vida. Mas mais uma vez, esta conduta pressupõe a existência de valores espirituais universais, que já não existem. É por isso que a liberdade só pode

significar que tudo é permitido: entreguemo-nos aos nossos instintos e desejos. Trata-se de uma liberdade que será sempre violenta.

À semelhança de Nietzsche, Scheler compreendeu que o homem que vive no ressentimento acaba sempre por ser fraco e por ter medo da sua liberdade. A experiência da liberdade absoluta transformar-se-á num *medo da liberdade* profundamente enraizado e tornar-se-á enorme a necessidade de se conformar com as massas, com essas massas que mais não querem senão acreditar cegamente e seguir um líder carismático.

Nesta sociedade, niilista porque privada de fundamentos morais e culturais, obcecada por trivialidades e sensível à demagogia, atolada em ressentimento e medo, a política torna-se, como tão bem descreve o crítico cultural neerlandês Menno ter Braak, «assunto de demagogos cujos únicos motivos são a preservação e o alargamento do seu poder. Poder no sentido mais vulgar do termo». Em meados da década de 1930, Ter Braak apercebe-se de que um movimento político está a

começar a espalhar-se pela Europa, um movimento que se limita a explorar o ressentimento. Segundo Ter Braak, esse movimento centra-se na estimulação da agressão e da cólera. Não está realmente interessado em soluções, não tem ideias próprias e não pretende solucionar problemas sociais, porque a injustiça é necessária à manutenção de uma atmosfera de calúnia e de ódio. Essas são as suas características mais importantes: a calúnia pela calúnia e o ódio pelo ódio. O ressentimento social exerce-se sobre um bode expiatório, causa de todos os males: o Judeu. Ao mesmo tempo, este movimento considera-se a eterna vítima da «esquerda» e da «elite», e nutre uma profunda aversão pelos intelectuais, cosmopolitas e por quem quer que seja diferente. Segundo Ter Braak, esta postura política é alimentada, não tanto pela estupidez, mas antes pela falta de cultura, reconhecível pela utilização contínua de *slogans* e de retórica oca. É uma forma reaccionária de política que defende que tudo era melhor antigamente e que voltará a melhorar quando o povo

for depurado dos elementos estranhos que arruínam sempre tudo. Como observa Ter Braak, o que é curioso mas indubitável é o facto de esse movimento nutrir uma confiança ilimitada num líder que nunca deu provas dos seus talentos de liderança, mas sem o qual o país não terá futuro. Esse movimento político não possui um autêntico programa, bastando-lhe seguir o líder. Este último deverá, necessariamente, ser populista para manter a sua posição e propor tudo o que ajude a reforçar a mobilização das massas e o apoio que elas lhe dão.

Menno ter Braak expõe todas estas ideias em 1937, num ensaio curto mas brilhante intitulado *Het nationaal-socialisme als rancuneleer* («O nacional-socialismo, doutrina do ressentimento»).

É interessante o que escreve neste ensaio sobre a atitude da elite e dos intelectuais perante a ascensão do fascismo na década de 1930. Mostra-se surpreendido por uma grande parte da elite minimizar displicentemente essa ascensão: «Não temos nada a ver com esses coitados» ou «Desaparecerão por si logo que a situação económica

melhorar.» Ter Braak demonstra-lhes que estão enganados porque esses «coitados» representam a «rebelião das massas» e «que ireis fazer quando tomarem o poder?» Além disso, não há dúvida de que os disfuncionamentos sociais e a crise económica influenciam a ascensão do fascismo, embora não sejam a sua causa: o fascismo está demasiado enraizado no culto do ressentimento e no vazio espiritual.

Ter Braak não se mostra surpreendido com o papel dos intelectuais, muitos dos quais personificam a falta de cultura: podem ter lido imenso, mas há muito que perderam todo o sentido crítico. Não o espanta, portanto, que uma parte deles se tenha deixado «contaminar por uma espécie de benevolência pseudo-filosófica para com os pretensos 'elementos positivos' do nacional-socialismo». Considera mais perigosos os intelectuais e eruditos que continuam a achar necessário aprofundar a investigação sobre os «antecedentes», a «natureza» e as «causas essenciais» desse novo movimento político. Estão errados, escreve Ter Braak,

porque o fascismo não tem ideias nem profundidade, ainda que os fascistas nos queiram convencer que defendem uma «revolução do espírito, sem derramamento de sangue». Na verdade: «Trata-se apenas de verniz, sem nada por baixo. O nacional-socialismo é imediatamente reconhecível à superfície como uma doutrina de puro rancor; são as receitas para o ódio, as inflexões da inveja, as estridências da calúnia. [...] O verniz é tudo, traindo o facto de que estes aristocratas são democratas pervertidos, de que estes idealistas das massas usam o 'homem comum' para atingirem os seus fins [...] porque o que desejam provocar, antes de tudo, é a expressão sem reservas do ressentimento, recorrendo a todos os meios possíveis e a quaisquer dispositivos para alcançarem o seu objectivo.»

3

O facto de o fascismo ter chegado ao poder em Itália e na Alemanha deveu-se, em grande medida, à arrogância, bem como à cobardia e perfídia, das elites sociais. A arrogância, a sobrestimação do próprio poder, manifestou-se em 1932 quando, na Alemanha, o Bürgerliche Katholische Partei (partido católico) e o Deutschnationalen (partido nacionalista) se mostraram satisfeitos com a entrada no governo de Hitler e dos seus acólitos. Partiram do princípio de que, desse modo, o poderiam

controlar e tirar partido dos erros que cometeria para o eliminarem politicamente. A cobardia e a perfídia manifestaram-se nos sociais-democratas alemães que, embora na oposição, lhe deram um voto de confiança por medo de perderem ainda mais votos. Na verdade, para todos os eleitores que não votaram em Hitler, e que foram a maioria, nenhum partido foi capaz de liderar a resistência contra o monopólio nacional-socialista. E isto teve tudo a ver com a deterioração das elites, que não tiveram coragem para defender os seus princípios e responsabilidades sociais. Os liberais deixaram de defender o ideal de liberdade do humanismo europeu, passando a interessar-se apenas pela liberdade dos mercados — isto é, desde que ganhassem dinheiro... Não surpreende que as superpotências financeiras da época se tenham limitado a apoiar o novo poder político. Os sociais-democratas renunciaram e repudiaram a sua razão de ser quando deixaram de estar preparados para lutar pela educação cultural e moral do povo e, centrando-se apenas em interesses materiais, encorajaram o res-

sentimento entre este. Os conservadores estavam preparados para trocar, sem escrúpulos, os valores espirituais pela preservação do seu próprio poder, ao abrigo da «tradição» e da «ordem social». Entre os intelectuais, existiam *dandies* e estetas que abriam a boca de espanto perante a «estética pura» cara aos fascistas. Naturalmente, também havia os reaccionários que nunca tinham acreditado em ideais como a democracia, a justiça social ou o progresso. Pior ainda, alimentavam um tal rancor contra quem não vivesse na torre de marfim da arte erudita que ficaram satisfeitíssimos por acreditar na «recuperação dos valores europeus» prometida pelo fascismo.

Foi assim que os fascistas conseguiram chegar ao poder, esses demagogos sem ideais com uma política cheia de ódio e de ressentimento enraizada no medo da liberdade e na pior espécie de estreiteza de espírito. Uma política que só podia traduzir-se em violência, numa violência sem limites.

4

Devíamos aprender com as lições da História:

Lição 1. Primo Levi: «Aconteceu contra todas as previsões; aconteceu na Europa, incrivelmente, aconteceu que um povo inteiro civilizado, acabado de sair do fervilhante florescer cultural de Weimar, seguisse um histrião cuja figura hoje provoca o riso; e no entanto Adolf Hitler foi obedecido e gabado até à catástrofe. Aconteceu, portanto pode aconte-

cer de novo; é este o âmago do que temos para dizer.»¹

Lição 2. Theodor Adorno: «A única verdadeira força contra o fenómeno de Auschwitz é a autonomia individual, a capacidade de reflexão, de autodeterminação, de não aderir, de não assimilar, de ser um homem de carácter, um espírito independente em vez de um indivíduo sem carácter.»

Lição 3. Winston Churchill: «Devemos edificar uma espécie de Estados Unidos da Europa, e proclamamos a nossa determinação de não deixar morrer a concepção espiritual da Europa, de a fazer viver e resplandecer.»

¹ *Os que Sucumbem e os que se Salvam*, trad. de José Colaço Barreiros, Lisboa, Teorema, 2000 (Outras estórias), p. 200. (N. da T.)

Lição 4. Thomas Mann: «Nenhuma conferência, medida técnica ou instituição jurídica, nem mesmo um governo mundial, permitirá o avanço da nova sociedade se não forem precedidos por uma atmosfera espiritual diferente, por uma nova receptividade à nobreza de espírito.»

Lição 5. Albert Camus: «A história virá talvez a ter um fim; contudo, a nossa missão não consiste em terminá-la mas sim em criá-la à imagem daquilo que doravante reconhecemos como verdade. [...] Poder-se-á recusar eternamente a injustiça sem deixar de saudar a natureza do homem e a beleza do mundo? A nossa resposta é sim. Esta moral, simultaneamente insubmissa e fiel, é, em todo o caso, a única capaz de iluminar o caminho de uma revolução verdadeiramente realista. Mantendo a beleza, preparamos o dia do renascimento em que a civilização colocará no centro das suas preocupações, longe dos princípios formais

e dos valores aviltados da história, essa virtude viva que constrói a dignidade comum do mundo e do homem [...]»¹

¹ *O homem revoltado*, tradução de Virgínia Motta, Lisboa, Livros do Brasil, 1951, p. 373-374. (N. da T.)

5

Não aprendemos com estas lições e é por isso que já foram esquecidas, o que nada nos surpreende. Qualquer pessoa que saiba um pouco sobre a história da nossa cultura, a história do declínio dos valores, do desaparecimento do espírito europeu, e que analise a nossa sociedade contemporânea não poderá deixar de concluir que Albert Camus e Thomas Mann tinham toda a razão quando, em 1947, declararam que o fascismo é um fenómeno político que não desapareceu com o fim da guerra e que podemos agora descrever como a politização

da mentalidade do homem-massa rancoroso. É a política utilizada por demagogos cujo único objetivo é o reforço e alargamento do próprio poder. Para esse efeito, explorarão o ressentimento, designarão bodes-expiatórios, incitarão o ódio, esconderão o vazio intelectual por trás de *slogans* e insultos roucos, e, com o seu populismo, elevarão o oportunismo político a uma forma de arte.

Já se está a manifestar novamente. À semelhança dessa manhã de Primavera em que o médico descobre um rato morto, no dia seguinte três e, depois, cada vez mais, quando todos se obstinam a não ver que se trata de um surto de peste (enquanto alguém com um mínimo de bom senso e de conhecimentos a identificaria), também nós, agora que o fascismo bate de novo às nossas portas, nos recusamos a vê-lo e a chamá-lo pelo seu nome.

«Não somos fascistas porque somos um partido que defende a liberdade!»

A 3 de Outubro de 1940, Thomas Mann dá uma conferência no Claremont College, em Los Ange-

les, sobre «Guerra e democracia». Já estava exilado há sete anos porque não conseguia viver na Alemanha hitleriana. Antes, vivera mais de trinta anos em Munique, onde testemunhara o modo como o movimento fascista conseguira chegar ao poder graças, em parte, a um domínio total da falsidade: as palavras eram isoladas dos seus significados e reduzidas a meros *slogans*. Vira com os próprios olhos, primeiro nos cafés e nos salões, e depois nas ruas e nas concentrações, como o povo se deixara convencer da existência de um movimento político e de um líder que lhe convinha. Um homem pronto a dedicar a vida às necessidades, interesses e liberdade do homem comum, que exprimiria e defenderia os valores do povo alemão. E uma das razões que o levaram a acreditar nesse líder foi o facto de ele não pertencer à classe política, ao *establishment*, mas ser um autêntico homem do povo, que falava a sua linguagem. Com base nessa experiência, Thomas Mann adverte o público americano: «Permitime que vos diga a verdade: se um dia o fascismo chegar à América, chegará em nome da liberdade.»

«Não somos nós que somos fascistas, mas o islão.» O islão, como qualquer religião, tem muitas caras. Na melhor das hipóteses, a religião é uma libertação para o homem, encorajá-lo-á a amar a vida amando o próximo, encorajará a compaixão, a justiça, a clemência, a hospitalidade e o respeito pela natureza. Na pior das hipóteses, a religião é fundamentalista e totalitária, subjuga o homem, priva-o da liberdade e é intolerante. Os islamitas defendem um Estado islâmico puro, perfeito e, por conseguinte, totalitário, e os fundamentalistas iranianos já o puseram em prática. A história do cristianismo também já teve episódios de visões apocalípticas, de aspiração a um mundo cristão puro, a um reino de Deus na terra, utilizando-as como justificação para cruzadas, guerras religiosas, Inquisição, perseguição de heréticos e de bruxas, criação de guetos, ódio e anti-semitismo que desembocaram em fábricas de morte. O judaísmo também tem os seus fundamentalistas. Todas as religiões se podem tornar totalitárias, tal como todas as ideologias. E qualquer forma de resistência à

injustiça, real ou suposta, pode degenerar em terror ou em terrorismo.

Contudo, nunca devemos esquecer que o fascismo está intrinsecamente ligado à história *europeia*. Está enraizado na *nossa* cultura, na sociedade de massas destituída de valores espirituais. As fábricas de morte existiram na *Europa*, e foi na Europa que ocorreu o terror totalitarista e o homicídio organizado, no decurso do qual acolhemos de braços abertos esses demagogos e os observámos apaticamente. Foi nessa sociedade impregnada de ressentimento que o medo da liberdade e a resistência a qualquer diferença foram cultivados e estão de novo a ser cultivados.

«A maior ameaça é a islamização.»

A crise financeira tem pesadas consequências na nossa prosperidade. A globalização, em que as novas superpotências são a China e a Índia, também terá importantes consequências socioeconómicas. A crise ambiental mundial pode ser catastrófica para o futuro do nosso planeta. A nossa

democracia está em crise. Os partidos políticos já não possuem qualquer visão; a perda de confiança na política e nos governantes atingiu um nível perigoso; as eleições estão reduzidas a um carnaval de trivialidades destituídas de conteúdo.

É incontestável que a nossa sociedade vive uma profunda crise cultural. Já não reconhecemos os nossos valores espirituais comuns, a educação deixou de proporcionar formação pessoal e moral, e já não somos capazes de responder às questões fundamentais que constituem a base de qualquer ideal de civilização: que regras norteiam a nossa vida? Qual o nosso modelo de sociedade?

Que tem o Islão a ver com todas estas crises? Nada. Na comunidade islâmica europeia, existe um autêntico movimento político que esteja a tentar «islamizar» a Europa? Não. Entre os muçulmanos existem fanáticos que acolhem com enorme prazer e alarido tudo o que lhes pareça crítica ou troça ao que é sagrado para eles e que estão dispostos a responder-lhes com a morte e o terror? Sim. Existem fundamentalistas muçulma-

nos que odeiam o Ocidente e desejam eliminar do mundo os infiéis e tudo o que não é islâmico? Certamente. Mas a ameaça que o fundamentalismo islâmico representa para a nossa sociedade é muito menor do que a crise inerente à sociedade de massas — a crise moral, a trivialidade e o embrutecimento crescentes que minam a nossa sociedade. Esta crise da civilização representa a verdadeira ameaça aos nossos valores fundamentais, esses valores que devemos proteger e salvaguardar para que possamos continuar a ser uma sociedade *civilizada*. Além disso, não será com um fascismo europeu que conseguiremos derrotar o fundamentalismo islâmico e o terrorismo.

«Não somos fascistas porque somos pró-judeus!»
Não faltam motivos para ler a magnífico romance de Giorgio Bassani, *O Jardim dos Finzi-Contini*¹. Um deles é ficarmos a saber que muitos dos fiéis

¹ Lisboa, Quetzal, 2010. (N. da T.)

defensores da classe média abastada judaica eram apoiantes de Mussolini.

A 23 de Março de 1919, Mussolini fundou a sua própria milícia, os Fasci di Combattimento, que veio a chamar-se Partito Nazionale Fascista. Pouco depois, Ettore Ovazza, presidente da comunidade judaica de Turim, adere ao partido. Acredita profundamente no fascismo e defendê-lo-á ardentemente, fundando o jornal *La Nostra Bandiera* (A nossa Bandeira), por exemplo, no qual promove a ideologia fascista junto da comunidade judaica. Mussolini aprecia esta iniciativa. Não é anti-semita, a sua amante é judia, tal como um membro do seu governo. Até finais da década de 1930, o Duce alimenta um ódio feroz pelo Führer. Declara orgulhosamente: «O fascismo é um regime enraizado nas grandes tradições culturais do povo italiano! O nacional-socialismo é uma autêntica barbárie.» E confessa a Nahum Goldmann, um dos líderes do Congresso Judaico Mundial: «Hitler é um idiota, um fanático. Quando já nada restar dele, os Judeus continuarão a ser um

grande povo. Nós, Italianos e Judeus, somos historicamente grandes povos. Herr Hitler é uma anedota.»

Nunca podemos confiar num fascista. Em 1938, quando o Duce teve de garantir as boas graças do Führer, introduziu leis antijudaicas em Itália. Nem os judeus fascistas foram poupados.

O fascismo não é anti-semita por definição, não pode é passar sem a ilusão de um «inimigo» omnipresente sempre a conspirar. Ser pró-Judeu ou pró-Israel não significa que não se possa também ser fascista.

«Defendemos a tradição judaico-cristã e os valores humanistas!»

Mais uma mentira, um *slogan* oco lançado por bárbaros e destinados a bárbaros, que se consideraram na necessidade de dizer algo sobre a sua *própria cultura*.

Alguém que adira realmente a essas crenças terá necessariamente aprendido este versículo da Bíblia: «Por isso, sejam amigos dos estrangeiros,

porque vocês também já foram estrangeiros no Egito.» (Deuteronómio, 10:19)

O defensor destas tradições acreditará sempre numa ética universal que inclua todos os seres humanos. A nossa verdadeira identidade não é determinada pela nacionalidade, origem, língua, crença, rendimentos, raça ou tudo o que distinga as pessoas umas das outras, mas, precisamente, por aquilo que as une e possibilita a unidade da humanidade: os valores espirituais universais que moldam a dignidade humana e que todos os homens podem adoptar. É por isso que essas tradições colocam a educação acima dos interesses materiais e consideram a vida um esforço permanente na via do conhecimento e da aplicação de valores absolutos como a verdade, a justiça, a compaixão e a beleza. Nessas tradições, a arte, as humanidades, a filosofia e a teologia ocupam um lugar central na educação, porque são o conjunto mais importante de instrumentos que permitem forjar em nós a virtude e que nos ajudam a adquirir uma certa sabedoria.

O seguidor de qualquer dessas crenças fará o que puder para resistir a uma cultura social do ressentimento, à designação de bodes-expiatórios só porque pertencem a uma fé ou a um sistema de crença diferentes, e a todo o ódio que essa demagogia atija.

O seguidor de qualquer dessas crenças não visará o controlo das massas mas sim a sua elevação.

O seguidor de qualquer dessas crenças defenderá a ideia de um espírito europeu e preconizará a unificação política da Europa.

O seguidor de qualquer dessas crenças conhece o mandamento: «Não mentireis.» (Levítico, 19:11)

Quem pretenda realmente ser humanista rejeita o fanatismo sob qualquer forma e pratica a «cortesia do coração» e a arte da conversa e do diálogo.

Nos Países Baixos, o que o Partij voor de Vrijheid (Partido da Liberdade, também conhecido por PVV) realmente oferece é o oposto das tradições judaico-cristã e humanista: um materia-

lismo grosseiro, um nacionalismo opressivo, xenofobia, incentivos ao ressentimento, uma profunda aversão pela arte e pelos valores espirituais, uma intolerância espiritual sufocante, uma resistência feroz ao espírito europeu e mentiras permanentes como arma política.

O exemplo mais perverso da sua falsidade consta do programa político do referido Partido da Liberdade, no capítulo «Defender a nossa cultura», sob o título «Soluções»: «No dia 4 de Maio, homenageamos as vítimas do (nacional) socialismo. No dia 5 de Maio, comemoramos a nossa Libertação. E continuaremos a fazê-lo. O dia 5 de Maio será feriado nacional.»

O que está realmente escrito é (nacional) socialismo! Com a palavra «nacional» entre parênteses, a tónica é posta no... socialismo! Parece que Hitler era socialista e, portanto, que as vítimas homenageadas em 4 de Maio são vítimas do socialismo, da «Esquerda» odiada pelo Partido da Liberdade. Trata-se de uma indicação do verdadeiro carácter do PVV: pôr a verdade entre parên-

teses, distorcer desavergonhadamente os factos, mentir sistematicamente.

«Temos o apoio de muitos intelectuais!»

Sem dúvida. A traição dos intelectuais é um fenómeno de todos os tempos. O conformismo e a nulidade em matéria de política parecem caracterizar muitos dos nossos amigos eruditos.

«É cada vez maior o número de jovens que votam em nós!»

«Os filhos deste século afirmam que a sua condição é bem mais difícil do que era a nossa porque o seu destino será o acaso, a miséria, a insegurança absoluta, ao passo que nós tivemos o privilégio de crescer na segurança económica da era civil. A questão está em que já não conhecem a acepção mais elevada e profunda da 'civilização', ignoram o que é trabalhar em si mesmos, já não sabem nada da responsabilidade e do esforço individuais. Ao invés, procuram colectivamente o conforto. Comparada com a vida individual, a vida colectiva é a esfera da facilidade,

que chega a atingir a decadência. O que esta geração colectivista deseja é tirar férias de si própria para sempre. O que pretende, o que aprecia, é a embriaguez. Estes jovens, alheados de todos os aspectos sérios da vida, apreciam confundir-se com a multidão e não se preocupam muito com o sentido em que ela caminha. Se se lhes pedir que explicitem que tipo de felicidade encontram nisso, demonstram pouca tendência para fornecer uma interpretação concreta. O Eu e a embriaguez da massa é uma finalidade em si: libertar o Eu do pensamento, na verdade da moral e da razão em geral; e, naturalmente, também do medo da vida, que leva os homens a juntarem-se, a cerrar fileiras e a cantar muito alto em coro.»¹

«Defendemos sobretudo as pessoas cuja vida não é fácil!»

José Ortega y Gasset, Paul Valéry e Thomas Mann perceberam que a sociedade europeia seria testada

¹ Thomas Mann, *Achtung Europa*, 1938.

por uma crise civilizacional causada pela perda de valores espirituais. Também perceberam que todos os outros sinais de crise (crise económica, declínio da educação, renúncia às musas do conhecimento, escalada da agressão e do medo da liberdade, crise de identidade) são consequências dessa crise civilizacional.

A fim de nos dedicarmos à questão de saber que tipo de política poderá realmente satisfazer as necessidades dos «trabalhadores», teremos de formular primeiro uma questão diferente: terá a crise do século XX chegado ao fim? Basta relancear o olhar por um qualquer quiosque de venda de jornais para ficarmos a saber a que valores atribuímos realmente importância neste momento. Um quiosque num aeroporto ou numa estação de comboios é um microcosmo, um espelho da cultura em que vivemos, porque encontramos os mesmos tipos de jornais e revistas em toda a parte: não estariam lá se não houvesse muitos leitores interessados neles.

Há sempre uma prateleira consagrada a revistas sobre computadores e outras inovações tecno-

lógicas, indicando o interesse que temos pela tecnologia e o progresso tecnológico. Também é vulgar a prateleira com revistas sobre automóveis rápidos, motas ainda mais rápidas e corridas de automóveis, característicos da nossa obsessão pelo tempo e pela velocidade: quanto mais rápido, melhor. As finanças e a economia são inevitáveis. Ao lado, sorriem-nos as fotografias de celebridades e de ídolos, que são também um fenómeno sem o qual já não conseguiríamos conceber a nossa sociedade. Por fim, passamos às publicações que pretendem ensinar-nos tudo sobre moda, beleza e sexo.

Perguntemo-nos então por que motivo atribuímos tanto valor à tecnologia, à velocidade, ao dinheiro, à fama, às celebridades e aos aspectos exteriores na nossa sociedade? A resposta a esta pergunta pode ser encontrada em algo que Sócrates disse quando, em conversa com amigos há cerca de vinte séculos, criticou um estilo de vida «baseado unicamente no prazer e que ignora os valores mais nobres». É a definição de um fenómeno que só no século XX se tornaria um con-

ceito, iniciando então a sua marcha imparável: o *kitsch*. A nossa sociedade é caracterizada pelo *kitsch* porque os valores mais nobres e espirituais são desprezados e toda a nossa existência se orienta para a satisfação do prazer. Esta situação tem pesadas consequências.

Como já não existem nenhuns valores espirituais absolutos, deixou de haver critérios objectivos para avaliar os nossos actos, e tudo se tornou subjectivo. O meu ego torna-se a medida de tudo e só interessa o que *eu* sinto, o que *eu* penso. *Eu* exijo que o *meu* gosto, a *minha* opinião e a *minha* maneira de ser sejam respeitados, senão *eu* ficarei ofendido. Um ego sensível como medida de todas as coisas não suporta qualquer crítica e ignora a autocrítica. A nossa identidade também já não é expressão de valores espirituais (de quem somos), mas de aspectos materiais: as nossas posses e o nosso aspecto. Podemos literalmente comprar a nossa identidade, adaptá-la e modificá-la. Por conseguinte, o constante impulso de comprar e possuir não é tanto uma manifestação de ganância

mas antes de um desejo de possuímos uma identidade que possamos exhibir perante um maior número de pessoas possível na expectativa de que nos achem *agradáveis*. A vida espiritual já não é relevante. Trata-se de nos sentirmos bem. E sentimo-nos no nosso melhor quando tudo é bonito e, portanto, agradável. Agradável passa a ser a medida de tudo aquilo a que dedicamos o tempo: as nossas relações devem ser agradáveis, tal como os nossos amigos, os nossos estudos e o nosso trabalho. Como queremos ser entretidos no nosso tempo livre, os *mass media*, os desportos, os jogos, os *hobbies* e a arte têm de ser agradáveis acima de tudo. E no caso pouco provável de não nos sentirmos bem e de o mal-estar não se resolver mudando de relações ou de ocupação, engolir um comprimido deverá afastar imediatamente essa sensação de desprazer. Felizmente, é possível comprar desses medicamentos que estão à nossa disposição no mercado.

Quando nada é absoluto, também nada é eterno, tudo se torna finito e transitório.

É por isso que já não temos tempo nem paciência e é por isso que estamos obcecados com a velocidade e a novidade. Daí o nosso medo profundo da morte, a necessidade constante de permanecermos eternamente jovens, a idolatria da juventude e a infantilização a ela inerente.

Numa sociedade do *kitsch*, a política já não é um espaço público para um debate sério sobre um modelo de sociedade e o modo de a atingir. A política tornou-se uma espécie de circo no qual os políticos se esforçam por conquistar e manter o poder através de *slogans* e de uma imagem pública. Nesta sociedade, a economia é dominada pelo espírito da procura do lucro a qualquer preço (em detrimento das pessoas, do ambiente, da qualidade) e que exige que quem caia sob a sua alçada se adapte, seja competitivo, produtivo, eficiente, comercial e, acima tudo, que não seja quem é. A educação já não visa formar o carácter para ajudar as pessoas a viverem na verdade e a criarem beleza, para permitir a aplicação da justiça e a transmissão de uma certa sabedoria. Degenerou

num instrumento de transmissão de tudo o que é utilitário, de conhecimentos úteis à economia e de tudo o que necessitamos de saber para ganhar dinheiro.

Onde o *kitsch* reina, nada conserva o seu valor intrínseco. Tudo o que existe, tudo o que pode existir, existe porque é considerado útil e/ou fonte de prazer. O *kitsch* é a tentação irresistível do agradável e do belo, mas trata-se de uma beleza sem verdade. Assemelha-se a um cosmético utilizado para seduzir mas que também visa esconder, ocultar um imenso vazio espiritual. O *kitsch* é a mentira que sugere que uma coisa tem valor e é importante embora, de facto, seja uma fuga para a frente, a fuga constante do espírito que sabe que as aparências são ilusórias. Daí a busca de um esquecimento absoluto, da intoxicação. Mas esta nunca dura para sempre. Logo que se dissipa, a vida deixa de ser agradável e ficamos horrorizados ao descobrir a nossa própria futilidade. É então que o homem-massa sente despertar nele o ressentimento, o ódio e o rancor.

Em Maio de 1960, o editor italiano Giangiacomo Feltrinelli escreveu numa carta ao poeta russo Boris Pasternak, de quem publicara o romance *O doutor Jivago*: «O 'quarto Reich' é a era do compromisso, do dinheiro e da miséria intelectual.» Resume eloquentemente numa única frase a traição da elite.

Ninguém nasce «homem-massa», muito pelo contrário. Tornar-se adulto é ganhar consciência das grandes questões existenciais, sobretudo do sentido da vida. Mas muitas pessoas, sobretudo «as que não têm uma vida fácil», são abandonadas na sua busca de respostas a estas questões e nas suas tentativas de viver uma vida livre e responsável.

São abandonadas por intelectuais niilistas que consideram que o humanismo foi ultrapassado, que a verdade absoluta e os valores espirituais não existem, que nada possui um valor imutável e que os valores universais e intemporais pertencem ao passado. Com efeito, tudo é trivial, pensam esses sofistas sem se aperceberem de que triviais são eles. As pessoas também são abandonadas por

intelectuais conservadores que não conseguem compreender que é precisamente por a verdade ser absoluta que devemos estar sempre preparados para a reconhecer sob as diferentes formas de que se reveste ao longo do tempo, e que, para sermos fiéis à verdade e vivermos na verdade, temos de estar atentos à novidade, à mudança. Temos de procurar configurações significativas se queremos evitar cair no obscurantismo e tornarmo-nos amargos e insensíveis.

As pessoas são abandonadas pelo sistema educativo que renunciou à educação liberal da arte e das humanidades, a uma educação espiritual e moral que permita ao indivíduo tornar-se uma pessoa de carácter. A educação curvou-se perante os ditames do que é útil às empresas e ao Estado.

As pessoas são abandonadas pela elite do mundo dos negócios, a que exerce maior influência na nossa democracia capitalista. Essa elite envenenou a sociedade com a ideia de que ganhar muito dinheiro é a coisa mais importante na vida. Ao difundirem a crença no «valor de mercado»

como medida absoluta do que é ou não importante, essa elite é responsável pela destruição de grande parte dos valores imateriais que, além de não renderem dinheiro, custam dinheiro (a arte, o património, a assistência a pessoas vulneráveis).

As pessoas são abandonadas pelas elites políticas, tanto de esquerda como de direita, que abdicaram dos seus princípios, visões e ideais, trocando-os pela falsa moeda das boas graças do eleitorado e do que está na moda. Movidos pelas conveniências e por um pragmatismo destituído de imaginação, optam por uma só via, o populismo. Ora a política populista é sempre enganadora porque não é mais do que a representação dos actuais medos e desejos de uma sociedade de massas e da sua cultura *kitsch*. É por isso que não resolverá nada, limitando-se, a longo prazo, a reforçar a crise nos seus diversos aspectos. Isto reflecte-se na retórica desses políticos, expressa apenas em termos como: o vosso dinheiro, a nossa economia, o nosso país, firmeza, segurança, social, anti-social, redução dos custos, défice, tradição... Dificilmente ou

nunca se vislumbra uma perspectiva global ou a consciência de que a essência das nossas crises é uma crise da civilização, de que a crise económica é, de facto, uma crise moral que não se resolverá com mais vigilância, de que nunca seremos capazes de avaliar ou articular as nossas mais profundas experiências sem a linguagem das musas do conhecimento, e de que a violência não será banida com mais leis ou punições mais severas mas apenas com o desenvolvimento de uma consciência. Não sabem nada da vida do espírito ou dos valores espirituais. Só o poder conta, a aspiração cega ao poder, que tudo tolera e se recusa a ver a ascensão do fascismo.

Esta traição das elites transforma o homem comum num homem-massa, reduzindo a sua identidade à do cliente, votante, espectador ou escravo do dinheiro. São cada vez menores as oportunidades e o estímulo para os indivíduos se sentirem livres e responsáveis na acepção de Sócrates e de Espinosa. Só pela prática da arte de viver, pela aquisição das virtudes e dos valores espirituais que dignificam a existência é que o indivíduo poderá

desenvolver uma personalidade benevolente e afável e ser verdadeiramente livre.

Quando o populismo na cultura *kitsch* do homem-massa se mistura com uma grande dose de nacionalismo, de ressentimento e de ódio, assistimos ao reaparecimento do rosto horrendo do fascismo. São esses demagogos que nada farão pelas pessoas cuja vida não é fácil. O fascismo limitar-se-á a maltratá-las à sua maneira usual, a mentira.

«Não somos violentos!»

Uma planta venenosa que volta a brotar terá primeiro de crescer antes de espalhar o seu veneno. O fascismo contemporâneo está apenas a despontar e não deve ser comparado com o fascismo de finais do século XX, mas sim com o do período em que se iniciou.

Em 1935, o comunista italiano Palmiro Togliatti escreveu *Lições sobre o fascismo*¹, um docu-

¹ Lisboa, Seara Nova, 1975 (Argumentos, 14). (N. da T.)

mento importante porque se trata da primeira análise da nova política de Mussolini feita por um seu compatriota e contemporâneo. Togliatti sugere que o fascismo assumirá diferentes formas em diferentes países porque o seu credo não assenta em ideias nem num único valor universal. Recorda que Mussolini conseguiu aceder ao poder pela via democrática graças às questões sociais do momento, nomeadamente o direito de voto das mulheres. Segundo Togliatti, o fascismo italiano não possuía originalmente características totalitárias e Mussolini, nos primeiros anos no poder, aspirava a um governo de coligação. É verdade que não hesitava em utilizar os seus «serviços de ordem» contra os líderes da oposição, numa Itália ainda muito militarizada após a Primeira Guerra Mundial. Mas a chave do seu êxito era a crença generalizada em quase todos os níveis da sociedade de que as qualidades de liderança do Duce trariam segurança, prosperidade e ordem ao país.

O nacional-socialismo também chegou ao poder pela via democrática, sem nunca ter sido o

partido majoritário. Foi a falta de integridade moral e, sobretudo, a sobrestimação do próprio poder pelos conservadores que permitiram aos nacionais-socialistas aceder ao poder, a que nunca renunciariam. Não podiam renunciar porque a única razão da sua existência era o poder pelo poder e o alimentar do ressentimento. A frustração leva ao ressentimento, o ressentimento à violência, e a violência a mais violência.

É isso que a história nos ensina e, infelizmente, a natureza humana não mudou. A existência das instituições que deviam proteger-nos depende exclusivamente da confiança que os cidadãos lhes concedem. Quando se entrega o poder a demagogos e charlatães, que usam os *mass media* para cultivar a crença de que esse líder, o político que pretende ser contra a política, é a única pessoa capaz de salvar o país, as instituições constitucionais e democráticas desaparecem tão depressa como a confiança nas autoridades porque já ninguém acredita nelas.

«Somos antifascistas!»

Em 2004, o eminente historiador americano e especialista em história do fascismo, Robert O. Paxton, publicou a sua notável obra *The Anatomy of Fascism*, onde sublinha que, no século XXI, nenhum fascista se designará a si próprio como tal. Os fascistas não são estúpidos e são mestres na arte da mentira. Os fascistas contemporâneos distinguem-se em parte pelo que dizem, ainda que seja igualmente importante o modo como actuam. À semelhança de Togliatti, Paxton afirma que o fascismo, devido à sua angustiante falta de ideias e ausência de valores universais, assumirá sempre a forma e as cores do seu tempo e da sua cultura. Assim, o fascismo na América será religioso e contra os Negros, ao passo que na Europa Ocidental será laico e contra o islão, na Europa do Leste, católico ou ortodoxo e anti-semita. A técnica usada é idêntica em toda a parte: um líder carismático, populista, para mobilizar as massas; o seu próprio grupo é sempre vítima (das crises, da elite ou dos estrangeiros); e o ressentimento orienta-se todo

para um «inimigo». O fascismo não necessita de um partido democrático cujos membros sejam individualmente responsáveis; necessita de um líder inspirador e autoritário ao qual se atribuem instintos superiores (as suas decisões não têm de ser justificadas), de um líder capaz de ser seguido e obedecido pelas massas. O contexto em que esta forma de política pode dominar é o de uma sociedade de massas afectada pela crise que ainda não aprendeu as lições do século XX.

6

Nos Países Baixos, Geert Wilders e o seu Partido da Liberdade são os protótipos do fascismo contemporâneo e, enquanto tal, não são senão as consequências políticas lógicas de uma sociedade pela qual todos somos responsáveis. O fascismo contemporâneo resulta, mais uma vez, de partidos políticos que renunciaram à sua tradição intelectual, de intelectuais que cultivaram um niilismo complacente, de universidades que já não são dignas desse nome, da ganância do mundo de negócios e

de *mass media* que preferem ser ventríloquos do público em vez de o seu espelho crítico. São estas as elites corrompidas que alimentam o vazio espiritual, contribuindo para uma nova expansão do fascismo.

7

Quatro anos depois do seu romance *A Peste*, Albert Camus publica o seu mais notável ensaio, *O homem revoltado*, no qual perscruta a cultura europeia a fim de compreender por que motivo a desumanização pôde ocorrer na Europa em particular. Pretende saber como é que tantas pessoas educadas numa civilização culta com tanta tecnologia e progresso foram deliberadamente capazes de aniquilar os valores sobre os quais assentava o nosso ideal de civilização. Dá-nos esta resposta na última

página: [os Europeus] «já não acreditam no que existe, no mundo e no homem vivo; o segredo da Europa é este: ela já não ama a vida.»¹

Já não amar a vida é o segredo terrível da política fascista e da sociedade niilista do *kitsch* na qual pode estar sempre a renascer. Só quando re-descobriremos o nosso amor pela vida e decidirmos dedicar-nos ao que realmente dá vida — a verdade, a bondade, a beleza, a amizade, a justiça, a compaixão e a sabedoria —, só nessa altura e nunca antes, ficaremos imunizados contra o bacilo mortal a que chamamos fascismo.

¹ *O homem revoltado*, tradução de Virgínia Motta, Lisboa, Livros do Brasil, 1951, p. 411. (N. da T.)

O que caracteriza e define o fascismo?

De que diferentes máscaras se reveste
de um país para outro?

Porque podemos afirmar que está hoje
de regresso à Europa?

Em que medida é a expressão de
uma profunda crise da civilização?

Que relação tem com o declínio dos valores
espirituais? E com o triunfo do materialismo
e do individualismo?

Que responsabilidades têm as elites
no seu ressurgimento?

E como lutar contra a sua propagação?

Num pequeno ensaio tão brilhante quanto
militante, Rob Riemen, apoiado nas reflexões
de grandes pensadores europeus — Camus,
Thomas Mann, Nietzsche, Adorno, Paul Valéry
— ajuda-nos a compreender (e a combater)
melhor o fascismo, um mal dos nossos dias.

ISBN 978-972-53-0501-0



9 7 8 9 7 2 5 3 0 5 0 1 0

O Eterno Retorno do Fascismo

ROBERT REEMEN



Autor de
Nobreza de Espírito
Um Ideal Esquecido

Bizâncio